

O cap. 22 aborda a sintaxe nas orações compostas (pp. 139-142), com as frases subordinadas completivas (causais, finais, concessivas, consecutivas, temporais e condicionais), as frases subordinadas circunstanciais e as frases subordinadas relativas (implícitas e explícitas).

Finalmente, o cap. 23 (pp. 143-145) constitui uma introdução às frases subordinadas relativas, detendo-se nas formas relativas *nisbe* derivadas de substantivo e de preposição, no relativo *nty*, frases relativas de forma verbal, o particípio e a forma verbal relativa.

Não se desconhece que outras metodologias existem sem dúvida para o ensino da língua egípcia, e neste caso, com mais propriedade, da escrita egípcia hieroglífica. Esta tem pelo menos revelado os seus méritos nos meios de aprendizagem em Barcelona (Faculdade de Geografia e História da Universidade de Barcelona e Societat Catalana d'Egiptologia), e foi essa circunstância que levou à publicação desta obra, a primeira do género em língua catalã.

Luís Manuel de Araújo

MARTA PUVILL DOÑATE, *Textos de la tumba de la reina Nefertari. Revisión y traducción comentada*, Cuadernos de Egiptología Mizar, 4, Barcelona, Librería Mizar, 1999, 280 pp.

Com este exaustivo trabalho Marta Puvill oferece-nos uma leitura das inscrições hieroglíficas pintadas nas paredes do túmulo da rainha Nefertari, grande esposa real de Ramsés II (túmulo 66 do Vale das Rainhas, Tebas Ocidental). A introdução do volume faz uma breve descrição do túmulo (pp. 4-9), referindo o seu estado de conservação e os textos que nele foram pintados (20% da decoração perdeu-se irremediavelmente).

Depois de enunciados os propósitos do trabalho e o método utilizado indicam-se os símbolos e abreviaturas de documentos citados (pp. 13-21) e esclarece-se acerca da situação dos textos no túmulo e o seu estado de conservação (pp. 23-54).

O capítulo que contém a descrição dos textos (pp. 55-80) abre com o nome da rainha encartelado nas suas várias disposições estético-gráficas (pp. 57-59), os seus títulos (pp. 60-61), as variantes da fórmula *maé-kheru* (pp. 61-62), que no túmulo aparece na forma masculina e não com o feminino *maet-kheru* (para assim corresponder à forma masculina de Osíris), e da fórmula votiva (p. 62). Quanto às particularidades dos textos, nelas vemos as particularidades gráficas (pp. 63-70), as particularidades gramaticais (pp. 70-76), os lapsos ortográficos (pp. 77-

79) e as palavras e variantes que não constam no *Wörterbuch der Ägyptischen Sprache* (Berlim, 1992).

Segue-se o verdadeiro núcleo do trabalho, com a cópia dos textos, tradução e comentários (pp. 81-218). O método de apresentação acompanha o percurso dentro do túmulo, começando pelo vestíbulo (pp. 83-132), a antecâmara (pp. 133-139), a câmara (pp. 141-156), o corredor descendente (pp. 157-173) e a câmara sepulcral (175-218).

Nas conclusões (pp. 221-222), e em função das particularidades que os textos compilados e estudados permitem observar, deduz-se que o túmulo foi concluído de forma apressada. Assim se explicam as anomalias presentes em diversas passagens do «Livro dos Mortos» pintadas nas paredes: omissão de palavras ou fragmentos necessários para a compreensão do texto, repetição, às vezes incompleta, de alguns parágrafos com a única finalidade de preencher até ao fim uma coluna que ficou mais curta que o previsto. Afinal, o desenhador e pintor que se encarregou da tarefa, isto é, o «escriba das formas» (*sech ked*), era melhor artista que escriba. Como de resto se verifica noutras situações, não apenas no Império Novo mas em épocas posteriores, ele devia estar pouco versado no egípcio clássico que na XIX dinastia (apesar do uso já normal do neo-egípcio) continuava a ser utilizado, sobretudo para espaços nobres com a importância desta tumba. E, segundo a Autora, «cabe incluso pensar que no entendía lo que escribía». Depois de comparar as passagens de alguns capítulos do «Livro dos Mortos» do túmulo de Nefertari com os seus congêneres inseridos em papiros do Império Novo (os de Ani, de Iui e de Khonsumés, entre outros), sugere que os textos e as cenas representadas tenham sido uma escolha da própria rainha. Desta forma poderia patentear-se uma certa preferência de Nefertari «por las creencias heliopolitanas y por la conjunción de éstas y las osiríacas» (p. 222). Por fim, Marta Puvill sublinha a presença do capítulo 94 do «Livro dos Mortos», particularmente significativo e de difícil tradução. Aliás, essa dificuldade vê-se bem nas aberrantes e estultas versões não só deste capítulo mas de muitos outros presentes em traduções portuguesas do «Livro dos Mortos» a partir de originais estrangeiros (mas não certamente a partir de originais hieroglíficos). Neste caso do capítulo 94, que é um dos menos solicitados nas inscrições tumulares, ele aparece no túmulo de Nefertari com uma forma diferente de outros casos: nele a rainha afirma que é escriba, *anok sech*, no masculino e com pronome independente: «eu sou escriba». Esta insistência (*sp 2*) poderá mesmo indiciar que Nefertari «era una mujer culta, que sabía escribir, y que quiso que quedase plasmado en su morada de eternidad».

A obra vai terminar com a Bibliografia (pp. 223-227), com a esperada presença das várias traduções do «Livro dos Mortos» à disposição dos egiptólogos e dos autores que antes se dedicaram ao estudo dos textos do túmulo: C. Campbell (que o visitou em inícios do século XX), M. Almagro Basch, H. Goedicke, G. Thausing, A. Michalowski, L. Monreal e E. Schiaparelli.

Alguns signos hieroglíficos não foram correctamente interpretados pela Autora porque o trabalho de compilação dos textos foi efectuado em 1992, antes portanto do grande trabalho de restauro levado a efeito no túmulo de Nefertari (corrigenda da p. 1), que agora, com frescas cores, surge renovado mais de três mil anos depois de ter sido aberto para a mais amada rainha de Ramsés II. O que se lamenta é que este meticuloso trabalho de Marta Puvill ainda não existisse na altura em que, há mais de vinte anos, a Fundação Calouste Gulbenkian exibiu a reconstituição do túmulo de Nefertari, a bela esposa real «digna de amor» (*beneret merut*).

Luís Manuel de Araújo

SALVADOR COSTA LLERDA, LUCAS BAQUÉ MANZANO e JORDI GARCÍA VILALTA, *Voces en el umbral de la muerte. El faraón frente a las divinidades en el Valle de los Reyes: Tumba de Horemheb (KV 57)*, Cuadernos de Egiptología Mizar, 5, Barcelona, Librería Mizar, 1999, 128 pp.

Os autores do caderno nº 5 da série Egiptología Mizar têm algo em comum para além de serem egiptólogos bem considerados pelos estudos que produzem: são membros da Societat Catalana d'Egiptologia. Decidiram congregar os seus esforços para elaborar um texto sobre o túmulo de Horemheb no Vale dos Reis (KV 57), fazendo dele um bom exemplo para ilustrar «um dos mistérios centrais da religião faraónica»: a transformação do defunto em Osíris e, por consequência, «o seu ingresso num regime ontológico e social diferente» – é este o propósito que se colhe no texto introdutório da obra que aqui apreciamos (pp. 1-3). A introdução apresenta sumariamente a figura do faraó Horemheb desde a sua nomeação para o comando do exército egípcio ainda no reinado do herético Akhenaton, tendo depois reforçado a sua posição no reinado de Tutankhamon, altura em que exibiu o alto cargo militar de *idenu en hemef* (delegado de sua majestade). Sendo o objectivo deste trabalho colectivo a apresentação da tumba e dos seus espaços interiores vistos no seu aspecto ritual e simbólico, ganha ênfase a sua evocação como um «lugar de trânsito» onde se destacam a «sala da espera»